

Um conflito entre os garimpeiros e os índios Ianomamis se verifica no interior de Roraima, onde pelo menos oito pessoas morreram e 47 ficaram feridas, mas estes não são os números exatos de vítimas, conforme afirmaram a Funai e a Polícia Federal que estão na área verificando o incidente.

Garimpo está sob tensão

BOA VISTA (AE) — “Eles eram tantos que pensei não escapar dessa”, disse ontem em Boa Vista o garimpeiro Manoel Ribeiro, um mineiro que há três anos arrisca a vida no interior de Roraima à procura de ouro. Ele é um dos sobreviventes do ataque dos índios ianomamis, na manhã de sábado, quando pelo menos oito pessoas morreram e 47 ficaram feridas.

Como o ataque foi feito em vários pontos da região onde os garimpeiros estavam acampados, a Funai e a Polícia Federal ainda não sabem o número exato das vítimas. Ontem a FAB começou a transportar pessoal até a área para um levantamento completo da situação.

Manoel, que levou um tiro nas costas, conta que no dia 12 os garimpeiros espalhados na serra Couto de Magalhães foram visitados por alguns índios, que começaram a levar suas armas. Como vivem em pequenos grupos, um longe do outro, os garimpeiros não reagiram e deixaram que os ianomamis levassem as espingardas usadas para a caça. Mas os índios, de acordo com Manoel, prometeram voltar no sábado para desarmar outros garimpeiros.

Localizada a cerca de 200 quilômetros de Boa Vista, a oeste de Roraima, a serra Couto de Magalhães é de difícil acesso, mas mesmo assim tem atraído muitos garimpeiros, por causa da ocorrência de ouro. Ultimamente, por volta de 150 deles, estão na serra, embora a Polícia Federal já tenha retirado alguns a pedido da Funai, já que a área é habitada pelos ianomamis.

Manoel conta que índios e garimpeiros vinham tendo uma convivência pacífica e que alguns ianomamis da região do posto indígena Paapiu também garimpavam com eles, trocando ouro por comida e ferramentas na cantina. Mas no meio da semana os índios começaram a ficar inquietos, até que resolveram desarmar os garimpeiros.

Manoel conta ainda que, em razão da ameaça feita pelos índios, de que voltariam no sábado com mais gente, os garimpeiros resolveram pedir reforços e concentraram cerca de 50 homens no acampamento maior. Por volta das 10 horas, cinco índios aproximaram-se e pediram que eles entregassem as armas. Todavia não contactavam com a reação e, no tiroteio, quatro índios foram mortos e um conseguiu fugir, mesmo

ferido. Quando pensavam que tudo estava resolvido, os garimpeiros foram cercados por mais de 200 índios, que estavam escondidos na mata, muitos deles armados com as espingardas recolhidas no dia 12.

Manoel ressalta que os índios começaram a perseguir os garimpeiros, que tentavam fugir. Ele conta que recebeu um tiro nas costas — sem muita gravidade — e conseguiu esconder-se, sorte que não teve seu companheiro Everto Abreu de Souza, que caiu morto. No domingo à noite, começaram a chegar a Boa Vista os primeiros mortos e feridos e ontem à noite mais dois aviões da FAB estavam voltando da serra trazendo outras vítimas. O clima continua tenso na região e a Polícia Federal, o Exército e a Polícia Militar enviaram contingentes para o local, a fim de evitar novos confrontos. Por enquanto, as informações continuam imprecisas e, em razão do isolamento da área, ainda não se sabe ao certo as proporções do incidente. Somente hoje as autoridades esperam ter dados mais claros sobre os conflitos. Mas no Instituto Médico Legal, em Boa Vista, ontem, havia cinco corpos: quatro índios e o garimpeiro Everto.